

História Política e Análise do Discurso: uma escrita da história em construção

Giselda Brito Silva *

RESUMO: Nesta apresentação pretendemos nos inserir nos debates das atuais possibilidades de escrita da história tomando como ponto central algumas contribuições da Análise do Discurso (AD) nos estudos da História Política. Interessa-nos, particularmente, mostrar dois aspectos do encontro da História com a Linguística pelo campo da AD: a) que o conhecimento das técnicas de análise da produção de sentidos dos discursos possibilitam ao historiador não apenas a analisar os discursos políticos contidos em seus documentos, mas a compreender e analisar a própria tessitura dos seus discursos na escrita da história; b) apresentar uma síntese de exemplo prático de estudo dos discursos de confronto entre integralistas e Getúlio Vargas na constituição do Estado Novo, tomando como espaço o estado de Pernambuco e como documentos as Partes, Informes e Relatórios da polícia política dos anos que vão de 1933 a 1938. Ao final, a intenção é oferecer uma discussão teórico-metodológica, procurando delimitar o que entendemos como discurso e algumas estratégias para analisá-los sob uma dada ótica do campo da hermenêutica, bem como traçar algumas reflexões sobre a utilização da AD no campo da História Política. Neste sentido, além da apresentação dos princípios teórico e metodológicos que nortearam nossa pesquisa, concluímos com um exemplo de estudo dos discursos.

Palavras Chaves: História - Análise do Discurso - Política

RESUMÉ: Dans cette présentation nous nous prétendons nous insérer débats des actuelles possibilités d'écriture de l'histoire en prenant comme point central quelques contributions de l'Analyse du Discours (AD) nous étudions de l'Histoire Politique. Interessa, particulièrement, montrer deux aspects de la rencontre de l'Histoire avec la Linguistique par le champ AD : a) que la connaissance des techniques d'analyse de la production de sens des discours rendent possible l'historien non seulement à analyser les discours politiques contenus dans leurs documents, mais à comprendre et analyser la tessitura elle-même de leurs discours dans l'écriture de l'histoire ; b) présenter une synthèse d'exemple pratique d'étude des discours de confrontation entre des integralistas et Getúlio Vargas dans la constitution de l'État Nouveau, en prenant comme espace l'état de Pernambuco et comme documents les Parties, Informes et Rapports de la police politique des années qui vont de 1933 à 1938. À la fin, l'intention est d'offrir à une discussion teórico-metodológica, en cherchant de délimiter ce que nous considérons comme discours et quelques stratégies pour les analyser sous une donnée optique du champ de l'herméneutique, ainsi que de tracer quelques réflexions sur l'utilisation AD dans le champ de l'Histoire Politique. Dans ce sens, outre la présentation des principes théorique et méthodologiques qui ont guidé notre recherche, nous concluons avec un exemple d'étude des discours.

Mots Clés: Histoire - Analyse du Discours - Politique

* Professora Adjunta do Curso de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutora em História. Apoio Financeiro FACEPE/UFRPE. End. E-mail: gibrs@uol.com.br

Conforme procuraremos destacar em nossa participação neste evento, a aproximação da História com outras ciências ainda é um lugar em construção. Pois, apesar do investimento de muitos pesquisadores de história no debate e na ampliação de suas pesquisas em lugares de fronteira entre duas ou mais ciências em relação à história, ainda é preciso muito debate para dirimir algumas dúvidas sobre a utilização e transposição de conceitos entre as áreas. História e Lingüística ainda têm muito diálogo pela frente, para que possam proporcionar novas caminhadas nas análises sociais, humanas e políticas, tomando-se discurso e língua como objeto. Para aprofundar este debate procuramos nos situar, neste momento historiográfico, com algumas leituras de filósofos, historiadores e lingüistas que introduzem o campo da comunicação e da linguagem no percurso entre a explicação e a compreensão dos fatos históricos, num trabalho de aproximação com autores que investem nestes lugares, através do cruzamento das preocupações epistemológicas das ciências humanas e sociais aplicadas.

Um nome que se situa neste lugar, na compreensão da história dos conceitos na história social, é o Koselleck (2006: 97-118), que tem nos proporcionado boas reflexões sobre as aproximações das ciências histórica e lingüística. Ao tratar da importância da história social sob os argumentos da história dos conceitos, ele nos lembra que *“não são os fatos que compõem a história, mas o que se escreve sobre eles”*. Aqui nos indicando a importância de o historiador observar com mais cuidado, a força das palavras, dos conceitos na história, aproximando a história da lingüística. Outro lugar enunciativo da contribuição que a “guinada lingüística” pode proporcionar à história são duas obras de Dosse (2001, 2003). Sob suas observações percebemos a importância do Paul Ricoeur para a compreensão da experiência vivida e do conceito, as tantas possibilidades da interpretação, seus conflitos, lugares.

Estes autores nos foram apresentados por nosso orientador, neste campo das aproximações entre a História e a Lingüística, Luiz Antônio Marcuschi (Lingüista/UFPE) quando nos falava das apropriações dos Analistas do Discurso com os trabalhos dos historiadores que discutiam a importância do texto e da linguagem em seus ofícios. E já naquele momento me ficou a percepção da contribuição que essa aproximação poderia dar à minha escrita da história. Na qual meu objetivo era compreender as formações discursivas que permeavam as relações entre integralistas e o governo varguista, incluindo sua polícia. Neste lugar também destacamos as leituras com Michel Foucault e sua participação na construção de um campo metodológico na Análise do Discurso, especificamente suas discussões sobre a noção de sujeito na interlocução com Michel Pêcheux nos anos 1960/80 e a construção conceitual de Formação Discursiva e Enunciação em *A Arqueologia do Saber* (1969).

Ainda neste espaço da importância da linguagem e dos discursos, destacamos os debates de Bruno Latour, comentadas por Dosse (2001, cap. 2 e 3), que sugere a importância de equilibrar o discurso científico com o senso comum, pois, “*essa nossa orientação [interpretar atores sociais] implica levar a sério a ‘guinada lingüística’ e dar grande atenção aos discursos sobre a ação, à narração, à transformação das ações em ‘enredo’, mas **sem** fechar-se na discursividade*”. Tais questões, que em começos dos anos 1990 pareciam um lugar fora do espaço do historiador em minha espacialidade acadêmica de historiadora, hoje são parte da reflexão dos historiadores em vários lugares do discurso histórico. Estas questões não são novas, já nos ensinava o Michel De Certeau (2002) acerca das possibilidades e (im)possibilidades de *A Escrita da História* por esta ou aquela posição em função do *lugar de enunciação* ou do lugar institucional do historiador. Penso que hoje já ultrapassamos estas questões mais gerais acerca da escrita da história e estamos (uma boa parte de historiadores) propícios a compreender quais as possibilidade de um olhar crítico e flexível na escrita da história com a contribuição da lingüística e da análise do discurso.

O momento agora é mais conhecer os conceitos e situar o campo teórico da Análise do Discurso, procurando situar quais são as possibilidades de ampliação dos estudos históricos para novas leituras dos documentos, textos, discursos históricos ou epistemológicos com esta área disciplinar. Penso que estamos numa nova fase de relação entre a História e a Análise do Discurso (AD) diferente dos debates dos anos 1960/70 e 80, muito mais abertos ao debate e à troca de conceitos.

Neste campo conceitual, a primeira questão a refletir é acerca da transposição de conceitos da AD para o campo da história sem a devida historicidade deles, da época em que foram construídos para sua utilização hoje, num novo contexto de interpretações conceituais. E é aqui que lembramos as contribuições do Koselleck, já citados, neste campo da compreensão da história dos conceitos. Porque o uso da Análise do Discurso (AD) na história e algumas das questões mais polêmicas que ainda permeiam essa relação passa, necessariamente, pelas incompreensões e falta de historicidade dos conceitos da AD e suas tentativas de aproximações com o campo da *Política* numa época em que a História estava se afastando deste objeto.

É sabido entre os analistas do discurso e historiadores que os anos 1950/1960/70, quando a AD surge com Michel Pêcheux, compreende um período difícil de situar a relação da Lingüística estruturalista, apoiada pela Antropologia e Sociologia estruturalistas, com a História, que apesar de também estruturalista naquele momento, propõe se afastar dos objetos que aquelas sustentam: a *língua* como determinando da cultura e sociedade. Neste momento,

as propostas de Pêcheux sugerindo a união da *língua, o sujeito inconsciente e a história*, tendo os discursos políticos como tema central parecem um lugar de poucos diálogos com os historiadores. Para construir o campo metodológico da AD, Michel Pêcheux, aproxima Marx, Freud e Suassure. Contudo, estas aproximações não são harmoniosas, particularmente para a História daquele momento. Pois, segundo Maria Cristina Ferreira, ao mesmo tempo em que se aproxima do marxismo (*paradigma* privilegiado de muitos historiadores deste período), a AD só se aproxima da posição de Althusser e de alguns conceitos de Marx, além de sua ideologia. No campo epistemológico diverge da *noção de sujeito* com a de alguns marxistas, através de suas aproximações com Freud e o aprisionamento do sujeito no campo do inconsciente, através de seus diálogos com sua outra ciência de apoio a psicanálise.¹ Por ser o discurso seu objeto central, a AD, mantém diálogo forte com Suassure, que determina a função da língua na sociedade como predominante, afastando as determinações econômicas. Ou seja, há constantes desencontros logo no início da formação disciplinar da AD com relação às propostas da História daquele momento. Do outro lado, a AD constrói suas propostas metodológicas na relação direta com a história opondo-se a Suassure, afirmando o primado do contexto no texto, da sociedade sobre a língua.

Neste sentido, muitos dos problemas da relação entre a História e a AD, que ainda hoje permeiam essa relação, são questões de um dado momento epistemológico, cujos embates já desviamos para várias direções. Hoje cabe mais conhecer a historicidade dos conceitos das ciências que nos interessam aproximação e suas possibilidades de utilização na escrita da história. Pois, penso eu, já concordamos com os benefícios da interdisciplinaridade no ofício do historiador.

Assim, em nossa perspectiva, uma primeira necessidade para ajustar algumas questões nesta relação, é situar historicamente as construções conceituais da AD, seu momento fundador, para em seguida estabelecer sua funcionalidade na História da atualidade. Pois, se percebermos com mais atenção, veremos que um erro básico tem sido criticar o uso da AD na História sem explicar as más utilizações dos conceitos da AD, sem incorrer na análise das regras da transposição, duma época que já ficou no passado, voltando apenas por construções discursivas contrárias a este lugar de abordar a história.

Voltamos a lembrar que é importante se ter como primeira posição do uso da AD na História que uma melhor compreensão dos aspectos positivos da AD deve começar pela definição de seus objetos e conceitos na década de 1960, quando Michel Pêcheux inicia um

¹ Sobre estas questões vide: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: ClaraLuz, 2005. p. 13-22.

movimento de desvio da Lingüística para criar o campo da Análise do Discurso. Naquele momento, Pêcheux estava, particularmente, interessado em cruzar informações sobre a história das ciências, sobre a história dos homens, sua paixão pelas máquinas, entre outras coisas. Para isso, ele se concentra em questões teóricas que envolvem o campo da história, da lingüística e da psicologia. Em função destas questões, o campo da Análise do Discurso é deslizante, daí não devemos fixar conceitos e utilizações como se não houvesse a grande dinâmica nos discursos nos seus retornos e apagamentos.²

Daí, todos os interessados em utilizar discursos em suas pesquisas históricas têm que se aventurar por esse caminho aberto na década de 1960, época que coincide com o auge do estruturalismo na França, como paradigma de formatação do mundo, das idéias e das coisas no campo intelectual. Nesse contexto, a lingüística ocupava o lugar de ciência piloto das ciências humanas e fornecia às demais as ferramentas para análise de língua enquanto estrutura formal, submetida ao método e aos ditames da ciência, tão valorizada na época. Uma das posições desses intelectuais era a exclusão do sujeito, que deveria ser objetivo e imparcial, pois era visto como elemento capaz de prejudicar a análise do objeto científico.

No campo da história, essa forma de ver o sujeito já havia sido abolida, ou pelo menos o foi em alguns lugares, desde o começo do século XX, quando um grupo de historiadores negava veemente a possibilidade de imparcialidade do sujeito na história. Fazendo críticas ferozes à história tida como positivista, personalística, cujo centro era o Estado e os grandes personagens da História, propondo uma história da práxis, das lutas de classe e dos excluídos. Do outro lado, temos também a ascensão das propostas da História Cultural como bandeira dos *Annales*, também contra os temas determinados pela história política.

Estes são alguns dos pontos que queremos destacar como lugares de conflito da História com a Análise do Discurso e sobre o qual gostaríamos de debater. A primeira questão é, então, constatar o fato de que a Análise do Discurso neste seu momento entra com discursos no campo da História Política, enquanto muitos historiadores defendiam um afastamento desse campo de ação da história em favor da História Econômica e Social e da História da Cultural. Por outro lado, as possibilidades de utilização da Análise do Discurso na atualidade contam, justamente, com a questão do “Retorno da Nova História Política” ao campo da História. Os historiadores da atualidade devem, ainda, perceber que com a introdução e ênfase na História Cultural proposta pelos *Annales* e sua bandeira interdisciplinar, a língua ou a linguagem, tornam-se novos objetos para o historiador, havendo

² Vários autores tratam desta questão, destacamos como um lugar central: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.) *FOUCAULT E PÊCHEUX: na análise do discurso – diálogos & duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

nesse aspecto a necessidade de aproximar a História da Lingüística e da AD, sem que se precise retornar efetivamente ao campo da História Política Tradicional para defender o uso da AD na História.

Em 1968, no campo da lingüística, a Análise do Discurso surge, então, como possibilidade de pensar língua e sujeito como que relacionados e se construindo na história. Pelos *Annales* Língua surge na História como produção cultural, quebrando o formalismo da língua, introduzindo a importância da língua na história cultural.

Por outro lado, em 1969, Michel Pêcheux lança seu conhecido trabalho *Análise Automática do Discurso* e Jean Dubois a *Revista Languages* que investem nessa importância do sujeito histórico, donde vão situá-lo na lingüística, na Psicologia e na História, conforme já dissemos. Com a reflexão destas três ciências quer-se, principalmente, questionar a posição de sujeito consciente que se pensa livre e dono de si e apresenta-se um sujeito inconsciente desejante. Pêcheux apresenta o sujeito do materialismo histórico pelo olhar de Althusser, um sujeito assujeitado ao campo ideológico, materialmente construído pela língua e devidamente interpelado pela ideologia: *defende-se que o sujeito é sempre um sujeito da ideologia e do desejo*.³ A Análise do Discurso vai, então, apresentar o sujeito assujeitado, inconsciente em oposição ao movimento da história revolucionária, marxista, que o colocava como sujeito capaz de se libertar da dominação, defendido por outras correntes do materialismo histórico. Sendo este um lugar de grandes conflitos e debates teóricos por parte dos historiadores.

E com isso nós destacamos a segunda questão do conflito da AD com a História em voga em final dos anos 1960 e que vai ter repercussões no fato de alguns historiadores procurarem se afastar do diálogo com a Lingüística entendida por eles como estruturalista e com a Análise do Discurso que, apesar de revolucionar o campo das ciências lingüísticas, mantém o sujeito preso a lugares, impossibilitado de se libertar, tal qual a proposta da história desse período.

Na história, particularmente a marxista, surge o sujeito da práxis, que “se reconhece” tão importante para a História quanto os reis e governantes, que reivindica não apenas esse lugar na história, mas as possibilidades de ocupar esse lugar nos fatos da história. É importante destacar aqui que essa é a leitura que os historiadores fazem dessa AD, diferente do que de fato queria Pêcheux. Adiante, voltaremos a essa questão com mais profundidade e suas bases discursivas, visto que aqui temos o principal nó da relação da história que se quer

³ Uma leitura acessível ao historiador que deseja mais informações sobre o Michel Pêcheux neste lugar da AD é a obra organizada pelas lingüistas: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: ClaraLuz, 2005. p. 13-22.

depois da década de 1960 e a entrada da AD dialogando com a história política, quando essa era questionada em seu campo científico.

A questão é que, enquanto para os analistas dos discursos esse movimento iniciado por Michel Pêcheux, que ressignifica o sujeito histórico capaz de ser introduzido na dianteira da forma da língua, é uma posição revolucionária para seu campo, os historiadores se encontravam em outro estágio mais adiantado nas suas pretensões revolucionárias de libertação do sujeito. Daí, hoje as novas correntes que investem na falência do projeto marxista, voltarem a olhar para os analistas do discurso, procurando situar seus objetivos analíticos no novo contexto histórico. As propostas paradigmáticas da pós-modernidade, inserindo novos temas e abordagens no saber histórico, especialmente as discussões acerca da produção de subjetividade e de sentido dos discursos, o momento lingüístico, leva os historiadores a se interessar na análise do discurso.

Para a AD, os estudos do discurso e da linguagem ganham um traço funcional na constituição do sujeito e do sentido com a ajuda da história. E é, justamente, o fato de introduzir questões da História, da Psicanálise e da Lingüística que gera toda a complexidade da Análise do Discurso que procura cruzar aspectos que muitas vezes se chocam com os destas ciências. Trata-se de como diz Maria Cristina Ferreira, um trabalho perigoso de fronteira entre certas áreas que traz problemas, distorções e muita confusão na transposição dos conceitos, muitos deles inconciliáveis, já que produzidos sob enfoques epistemologicamente distintos em momentos históricos dessas ciências.⁴

O que une esses lugares é o objeto que a Análise do Discurso elege para si: o **discurso**. Um *objeto-fronteira*, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído pela materialidade da língua e pela materialidade histórica. Daí, a Eni Orlandi afirmar, no congresso de São Carlos (SP-2006), que a AD “*é uma disciplina de entremeio, que se dá nas margens das chamadas ciências humanas, entre as quais desloca terrenos e conceitos*”. E aqui é importante frisar, retomando Maria Cristina Ferreira, que a Análise do Discurso opera com conceitos deslocando-os, ou seja, mudando-lhes muitas vezes os sentidos. Daí a necessidade de o historiador ler as propostas de utilização de certos conceitos, antes de carregar as críticas sobre a atuação da AD com o sentido que lhe é próprio na história. Os conceitos devem ser ajustados à especificidade da rede discursiva, pois, o campo teórico da AD é complexo porque integra áreas, conceitos e momentos político-científicos diversos. Por

⁴ FERREIRA, Cristina Leandro. “O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil: um breve preâmbulo”. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org.). *op.cit.* p.15.

isso não é fácil trabalhar com a AD, requerendo do historiador certa leitura específica antes da simples utilização de conceitos.

Referências Bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso: derivas da fala pública*. São Carlos, SP: ClaraLuz, 2006.

DOSSE, François. *O Império do sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.; _____. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios, 2004.

FOUCAULT, Michel. (1969) *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1987.

GREGOLIN, M. R. V. “Discurso e Memória: Movimentos na Bruma da História”. In: *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP*. Marília: UNESP, 1997.

_____. (org.) *Filigramas do Discurso: as vozes da História*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: ClaraLuz, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC, 2006. p. 97-118.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes/Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MALDIDIER, Denise. *A inquietude do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ROBIN, Régine. *História e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

SILVA, Giselda Brito. *A Lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas no Estado Novo*. Tese (Doutorado em História). Recife, UFPE, 2002.